

O Livro de Urântia

<< [Documento 88](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 90](#) >>

Documento 89

Pecado, Sacrifício e Expição

89:0.1 (974.1) O HOMEM primitivo via a si mesmo em constante débito para com os espíritos, e em necessidade de redenção. Segundo o modo como os selvagens encaravam esse fato, por justiça os espíritos poderiam enviar-lhes mais má sorte ainda. Com o passar do tempo, esse conceito desenvolveu-se até a doutrina do pecado e salvação. A alma era encarada como tendo vindo ao mundo possuindo uma falta — o pecado original. E a alma teria de ser redimida; um bode-expiatório deveria ser providenciado. O caçador de cabeças, além de praticar o culto de adoração à caveira, era capaz de prover um substituto para a sua própria vida: um homem-expiatório.

89:0.2 (974.2) O selvagem foi, logo nos seus primórdios, possuído pela noção de que os espíritos têm uma satisfação suprema com a visão da miséria, sofrimento e humilhação humana. No princípio, o homem estava preocupado apenas com os pecados cometidos, mais tarde, todavia, ele inquietou-se também com o pecado da omissão. E

todo um sistema subsequente de sacrifícios cresceu em torno dessas duas idéias. Esse novo ritual tinha a ver com a observância das cerimônias de propiciação para o sacrifício. O homem primitivo acreditava que algo especial devia ser feito para conquistar o favorecimento dos deuses; apenas a civilização avançada reconhece um Deus coerentemente equilibrado e benevolente. A propiciação era mais um seguro contra a má sorte imediata do que um investimento na bênção futura. E os rituais do livramento, exorcismo, coerção e propiciação, todos, combinam-se uns com os outros.

1. O Tabu

89:1.1 (974.3) A observância de um tabu foi o esforço do homem para evitar a má sorte, para livrar-se de ofender os fantasmas espirituais, evitando várias coisas. Os tabus inicialmente foram não-religiosos, mas logo adquiriram a aprovação dos fantasmas ou dos espíritos e, quando reforçados assim, transformaram-se nos elaboradores das leis e instituições. O tabu é a fonte dos padrões dos cerimoniais e o ancestral do autocontrole primitivo. Foi a mais primitiva forma de regulamentação societária e, por um longo período de tempo, a única; e ainda se mantém como unidade básica da estrutura social reguladora.

89:1.2 (974.4) O respeito que essas proibições inculcavam na mente do selvagem igualava-se exatamente ao medo que ele tinha dos poderes

que supunha estar impondo-as. Os tabus inicialmente surgiram em consequência da experiência casual com a má sorte; mais tarde foram propostos pelos chefes e xamãs — homens-fetiches que se pensava serem orientados por um fantasma espiritual, ou mesmo por um deus. O medo da punição dos espíritos era tão grande na mente do homem primitivo que, algumas vezes, ele morria de medo quando violava um tabu; e esse episódio dramático reforçava enormemente o poder do tabu nas mentes daqueles que sobreviviam.

89:1.3 (974.5) Entre as mais antigas proibições estavam as restrições quanto à apropriação de mulheres e outras propriedades. À medida que a religião começou a exercer um papel maior na evolução do tabu, o artigo que ficava banido era considerado sujo e, subsequentemente, profano. Os registros dos hebreus estão cheios de menções a coisas limpas e sujas, santas e profanas; contudo as suas crenças nessas direções foram sempre muito menos embaraçosas e amplas do que as de muitos outros povos.

89:1.4 (975.1) Os sete mandamentos da Dalamatia e do Éden, bem como as dez obrigações dos hebreus eram tabus definidos, expressos todos na mesma forma negativa das mais antigas proibições. Esses códigos mais novos, entretanto, tiveram uma influência verdadeiramente emancipadora, pois tomaram o lugar de milhares de tabus preexistentes. E, mais que isso, tais mandamentos mais recentes definitivamente prometiam algo em recompensa pela obediência.

89:1.5 (975.2) Os tabus primitivos sobre os alimentos originaram-se do fetichismo e totemismo. Os suínos eram sagrados para os fenícios, a

vaca para os indianos. O tabu egípcio sobre a carne de porco foi perpetuado pelas fés hebraica e islâmica. Uma variante do tabu dos alimentos foi a crença de que se uma mulher grávida pensasse muito sobre um determinado alimento, a sua criança, quando nascesse, seria um eco daquele alimento, o qual seria um tabu para a criança.

89:1.6 (975.3) Os métodos da alimentação logo se fizeram um tabu, e assim originaram-se as etiquetas antigas e modernas à mesa. Os sistemas de castas e níveis sociais são vestígios de antigas proibições. Os tabus eram altamente eficazes para organizar a sociedade, mas eram terrivelmente opressivos; o sistema de proibição negativa não apenas mantinha regulamentações úteis e construtivas como também os tabus obsoletos, antiquados e inúteis.

89:1.7 (975.4) Não havia, contudo, uma sociedade civilizada a restringir o homem primitivo a não ser por esses tabus bem difundidos e variados; e o tabu nunca teria perdurado, não fossem as próprias sanções das religiões primitivas que os sustentavam. Muitos dos fatores essenciais à evolução do homem têm sido altamente dispendiosos, têm custado vastos tesouros de esforços, de sacrifícios e de renúncias, mas essas realizações no sentido do autocontrole foram os verdadeiros degraus por meio dos quais o homem subiu a escada ascendente da civilização.

2. O Conceito de Pecado

89:2.1 (975.5)

O medo do acaso e o pavor da má sorte dirigiram literalmente o homem à invenção da religião primitiva como um suposto seguro contra as calamidades. Da mágica e dos fantasmas, a religião evoluiu por meio dos espíritos e fetiches, até os tabus. Todas as tribos primitivas tinham a sua árvore de fruta proibida, literalmente a maçã, mas figurativamente consistia de milhares de ramos sobrecarregados de todas as espécies de tabus. E a árvore proibida dizia sempre: “Tu não...”

89:2.2 (975.6)

À medida que a mente selvagem evoluiu até o ponto em que podia idealizar os bons e os maus espíritos, e quando o tabu recebeu a sanção solene da religião que evoluía, o cenário preparou-se para o aparecimento da nova concepção de *pecado*. A idéia do pecado foi universalmente estabelecida no mundo antes que a religião revelada tivesse feito a sua entrada. Apenas por meio do conceito do pecado é que a morte natural tornou-se lógica para a mente primitiva. O pecado era a transgressão do tabu; e a morte, a penalidade para o pecado.

89:2.3 (975.7)

O pecado era ritual, não racional; um ato, não um pensamento. E todo esse conceito de pecado foi fomentado pelas tradições residuais do Dilmun e dos dias do pequeno paraíso na Terra. As tradições de Adão e do Jardim do Éden também emprestaram substância ao sonho de uma certa “idade dourada” havida no alvorecer da raça. E tudo isso confirmou as idéias expressas posteriormente na crença de que o homem teve a sua origem em uma criação especial, de que ele começou a sua carreira

na perfeição, e de que a transgressão dos tabus — o pecado — levava-o a cair na sua situação dolorosa mais recente.

89:2.4 (976.1) A violação habitual de um tabu tornou-se um vício; a lei primitiva fez do vício um crime; a religião o transformou em um pecado. Entre as tribos primitivas a violação de um tabu era uma combinação de crime e pecado. A calamidade da comunidade era considerada sempre como uma punição para o pecado tribal. Para aqueles que acreditavam que a prosperidade e a retidão vão juntas, a prosperidade aparente dos perversos causava tanta preocupação que foi necessário inventar os infernos para punir o violador do tabu; os números desses lugares de punição futura têm variado de um a cinco.

89:2.5 (976.2) A idéia da confissão e do perdão surgiu muito cedo na religião primitiva. Os homens pediram o perdão em uma reunião pública pela intenção que tinham de cometer na semana vindoura. A confissão era meramente um rito de remissão, e também uma notificação pública de violação, um ritual de gritos: “impuro, impuro!” Então, se seguiam todos os esquemas ritualísticos de purificação. Todos os povos antigos praticavam tais cerimônias sem sentido. Muitos costumes aparentemente higiênicos das tribos primitivas haviam vindo, quase sempre, de cerimoniais.

3. Renúncia e Humilhação

89:3.1 (976.3) A renúncia veio como o próximo passo na evolução religiosa; o jejum era uma prática comum. Logo, a abstenção de muitas formas de prazer físico se tornou um costume; e especialmente os de natureza sexual. O ritual do jejum estava profundamente arraigado em muitas religiões antigas e foi transmitido a praticamente todos os sistemas modernos de pensamento teológico.

89:3.2 (976.4) Na época em que o homem bárbaro estava exatamente recuperando-se da prática esbanjadora de queimar e enterrar as posses junto com os mortos, em um momento em que a estrutura econômica das raças estava começando a tomar forma, essa nova doutrina religiosa da renúncia surgiu, e dezenas de milhares de almas sinceras começaram a cortejar a pobreza. A propriedade foi encarada como uma desvantagem espiritual. Tais noções de perigo espiritual da posse material foram alimentadas amplamente na época de Filo e Paulo, e influenciaram marcadamente a filosofia européia desde então.

89:3.3 (976.5) A pobreza era apenas uma parte do ritual da mortificação da carne, o que, infelizmente, tornou-se incorporado aos escritos e ensinamentos de muitas religiões; e, notadamente, aos do cristianismo. A penitência é a forma negativa desse ritual, muitas vezes tolo, de renúncia. Mas tudo isso ensinou ao selvagem o *autocontrole*, que funcionou como um avanço que valeu a pena na evolução social. A renúncia e o autocontrole foram dois dos maiores ganhos sociais da religião evolucionária primitiva. O autocontrole deu ao homem uma nova filosofia de vida; ensinando-lhe a arte de

aumentar a fração que corresponde à sua etapa de vida, diminuindo o denominador das demandas pessoais, em vez de tentar sempre aumentar o numerador da gratificação egoísta.

89:3.4 (976.6) Essas antigas idéias de autodisciplina abrangeram o autoflagelo e todos os tipos de torturas físicas. Os sacerdotes do culto da mãe encontravam-se especialmente empenhados no ensino da virtude do sofrimento físico, dando o testemunho disso ao submeterem-se à castração. Os hebreus, hindus e budistas eram devotos sinceros dessa doutrina de humilhação física.

89:3.5 (976.7) Durante toda a antiguidade os homens buscaram, com esses comportamentos de autonegação e renúncia, os créditos extraordinários nos registros dos seus deuses. Era costumeiro, quando sob alguma tensão emocional, fazer votos de renúncia e autotortura. Com o tempo esses votos assumiram a forma de contratos com os deuses e, nesse sentido, representaram um verdadeiro progresso evolucionário, pois se supunha que os deuses fizessem algo definido em recompensa a essa autotortura e mortificação da carne. Os votos eram tanto de negação quanto de afirmação positiva. As promessas dessa natureza extrema e prejudicial são, ainda hoje, bastante observadas em meio a certos grupos da Índia.

89:3.6 (977.1) Nada mais do que natural era que o culto da renúncia e humilhação devesse dar atenção à gratificação sexual. O culto da continência sexual originou-se como um ritual entre os soldados, antes de entrarem nas batalhas; em dias posteriores tornou-se a prática dos “santos”. Esse culto tolerava o casamento apenas como

um mal menor do que a fornicação. Muitas grandes religiões do mundo têm sido influenciadas adversamente por esse culto antigo, mas nenhuma mais marcadamente do que o cristianismo. O apóstolo Paulo foi um devoto desse culto; a sua visão pessoal é refletida nos ensinamentos que vinculou à teologia cristã: “É bom para um homem não tocar em uma mulher”. “Gostaria que todos os homens fossem como eu”. “Digo, pois, aos que não são casados e aos viúvos, ser bom para eles permanecerem como eu.” Paulo sabia muito bem que esses ensinamentos não eram uma parte da boa nova do evangelho de Jesus; e o seu reconhecimento disso é ilustrado por esta declaração sua: “E me permito dizer isso, mas isso não me foi passado como um mandado ou mandamento”. E tal culto levou Paulo a desprezar as mulheres. E o pior de tudo isso é que a sua opinião pessoal vem, há muito, influenciando os ensinamentos de uma grande religião mundial. Se os conselhos do fabricante de tendas e professor tivessem sido obedecidos literal e universalmente, então a raça humana teria chegado a um fim súbito e inglório. Ademais, o envolvimento de uma religião com esse antigo culto de continência conduz diretamente a uma guerra contra o casamento e o lar; contra as verdadeiras fundações da sociedade e instituições básicas do progresso humano. E não é de admirar-se que todas essas crenças hajam fomentado a formação de sacerdócios celibatários nas várias religiões de muitos povos.

89:3.7 (977.2)

Algum dia o homem deveria aprender como desfrutar da liberdade sem licença, da nutrição sem glotonaria e do prazer sem devassidão. O autocontrole é uma política de regulamentação do

comportamento humano melhor do que a renúncia extrema. E Jesus jamais passou aos seus seguidores tais visões pouco razoáveis.

4. As Origens do Sacrifício

89:4.1 (977.3) O sacrifício como parte das devoções religiosas, tal como muitos outros rituais de adoração, não teve uma origem simples nem única. A tendência de inclinar-se diante do poder e de prostrar-se em adoração na presença do mistério está prognosticada no servilismo do cão diante do seu dono. Um passo apenas separa o impulso da adoração, do ato do sacrifício. O homem primitivo media o valor do seu sacrifício pela dor que sofria. Quando a idéia do sacrifício pela primeira vez ligou-se ao cerimonial religioso, nenhuma oferenda contemplada deixava de produzir a dor. Os primeiros sacrifícios foram atos como arrancar os cabelos, cortar a carne, fazer mutilações, arrancar os dentes e cortar fora os dedos. À medida que a civilização avançou, esses conceitos rudes de sacrifício elevaram-se ao nível dos rituais de autoabnegação, ascetismo, jejum, privação e, na doutrina cristã mais recente, de santificação por meio do pesar, de sofrimento e mortificação da carne.

89:4.2 (977.4) Muito cedo, na evolução da religião, existiram duas concepções de sacrifício: a idéia do sacrifício-dádiva, que conotava uma atitude de agradecimento, e o sacrifício-débito, que abrangia a idéia de redenção. Mais tarde a noção da substituição foi desenvolvida.

89:4.3 (977.5) Mais adiante o homem concebeu que o seu sacrifício, de qualquer natureza que fosse, poderia funcionar como um portador de mensagem aos deuses; poderia ser como um doce perfume para as narinas da deidade. Isso trouxe o incenso e outros aspectos estéticos aos rituais de sacrifício que se desenvolveram como festejos de sacrifícios, cada vez mais elaborados e ornados com o passar do tempo.

89:4.4 (978.1) À medida que a religião evoluiu, os ritos do sacrifício de conciliação e propiciação substituíram os métodos mais antigos de prevenção, aplacamento e exorcismo.

89:4.5 (978.2) A idéia inicial do sacrifício era a de um imposto de neutralidade, arrecadado pelos espíritos ancestrais; apenas mais tarde a idéia da expiação veio a desenvolver-se. À medida que o homem distanciou-se da noção da origem evolucionária da raça e, à medida que as tradições da época do Príncipe Planetário e da permanência de Adão foram filtrando-se com o passar do tempo, o conceito de pecado e do pecado original foram tornando-se difundidos, de modo que o sacrifício por pecados acidentais e pessoais evoluiu até a doutrina do sacrifício pela expiação do pecado racial. A expiação pelo sacrifício era um dispositivo de segurança que abrangia até mesmo os ressentimentos e o ciúme de um deus desconhecido.

89:4.6 (978.3) Rodeado de tantos espíritos sensíveis e deuses ávidos, o homem primitivo enfrentava uma tal hoste de deidades credoras que requeria todos os sacerdotes, rituais e sacrifícios durante uma vida inteira, para isentá-lo de débitos espirituais. A doutrina do pecado

original, ou culpa da raça, fazia com que todas as pessoas começassem já com um sério débito para com os poderes espirituais.

89:4.7 (978.4) Presentes e subornos são dados aos homens; mas quando se os oferece aos deuses, eles são descritos como sendo dedicados, tornados sagrados ou então chamados de sacrifícios. A renúncia era a forma negativa de propiciação; o sacrifício tornou-se a forma positiva. O ato de propiciação incluía louvação, glorificação, adulação e até mesmo entretenimento. E são os remanescentes das práticas positivas do velho culto de propiciação que constituem as formas modernas de adoração divina. As formas atuais de adoração são simplesmente a ritualização dessas antigas técnicas de sacrifícios de propiciação positiva.

89:4.8 (978.5) O sacrifício dos animais significava muito mais para o homem primitivo do que poderia jamais significar para as raças modernas. Esses bárbaros consideravam os animais como parentes verdadeiros e próximos seus. Com o passar do tempo, o homem tornou-se astuto nos seus sacrifícios, parando de oferecer os seus animais de trabalho. A princípio sacrificava o *melhor* de tudo, incluindo os seus animais domesticados.

89:4.9 (978.6) Não foi uma jactância sem fundamento, que certo dirigente egípcio teve ao declarar que tinha sacrificado 113 433 escravos, 493 386 cabeças de gado, 88 barcos, 2 756 imagens de ouro, 331 702 jarras de mel e óleo, 228 380 jarras de vinho, 680 714 gansos, 6 744 428 pães e 5 740 352 sacos de moedas. E para fazer

isso ele teve de arrecadar até os impostos sofridos dos seus súditos submetidos a um trabalho exaustivo.

89:4.10 (978.7) A mera necessidade finalmente levou os semi-selvagens a comerem parte material dos seus sacrifícios; os deuses havendo desfrutado já da alma deles. E esse costume encontrou a sua justificação sob o pretexto do antigo banquete sagrado, um serviço de comunhão de acordo com os usos modernos.

5. Sacrifícios e Canibalismo

89:5.1 (978.8) As idéias modernas do canibalismo primitivo são inteiramente errôneas; ele era uma parte dos costumes da sociedade primitiva. Do mesmo modo que o canibalismo é tradicionalmente horrível para a civilização moderna, era parte da estrutura social e religiosa da sociedade primitiva. Os interesses grupais ditavam a prática do canibalismo. Ele nasceu instigado pela necessidade e perdurou devido à escravidão, superstição e ignorância. Era um costume social, econômico, religioso e militar.

89:5.2 (979.1) Sendo canibal, o homem primitivo gostava da carne humana e, pois, a oferecia como um presente alimentício aos seus espíritos e deuses primitivos. Já que os espíritos fantasmas eram apenas homens modificados, e posto que a comida era a maior necessidade humana, então o alimento deveria também ser a maior necessidade de um espírito.

89:5.3 (979.2) O canibalismo chegou a ser quase universal entre as raças em evolução. Todos os sangües eram canibais, mas originalmente os andonitas não o eram, nem os noditas, nem os adamitas; nem os anditas o foram até o momento em que se misturaram bastante com as raças evolucionárias.

89:5.4 (979.3) O gosto pela carne humana aumenta. Tendo começado por meio da fome; por amizade, vingança ou ritual religioso, comer a carne humana transforma-se no canibalismo habitual. O canibalismo surgiu por causa da escassez de alimento, embora esta haja sido, poucas vezes, a razão fundamental. Os esquimós e os andonitas primitivos, entretanto, raramente eram canibais, exceto em épocas de fome. Os homens vermelhos, especialmente na América Central, eram canibais. Chegou a ser uma prática generalizada que as mães primitivas matassem e comessem os seus próprios filhos, para renovar as energias perdidas na concepção, e em Queensland o primeiro filho ainda é assim freqüentemente morto e devorado. Em tempos recentes o canibalismo tem sido deliberadamente adotado por muitas tribos africanas como uma medida de guerra, uma espécie de atrocidade com a qual aterrorizar os vizinhos.

89:5.5 (979.4) Um certo canibalismo resultou da degeneração de algumas linhagens superiores; mas prevaleceu, sobretudo, em meio às raças evolucionárias. Comer a carne humana começou em uma época em que os homens experimentaram emoções intensas e amargas a respeito dos seus inimigos, e tornou-se uma parte de uma cerimônia solene de vingança; acreditava-se que o fantasma de um inimigo poderia, desse modo, ser destruído ou fundido com aquele

de quem comia. Foi uma crença bem difundida a de que os feiticeiros alcançavam os seus poderes comendo carne humana.

89:5.6 (979.5) Alguns grupos de canibais consumiam apenas os da sua própria tribo, como uma espécie de endogamia pseudo-espiritual que se supunha acentuar a solidariedade tribal. Mas também comiam os inimigos como vingança e embalados pela idéia de apropriar-se da sua força. Era considerada uma honra para a alma de um amigo ou companheiro tribal que o seu corpo fosse comido e, ao mesmo tempo, devorar o inimigo nada mais era do que uma punição para com ele. A mente selvagem não tinha pretensões de ser coerente.

89:5.7 (979.6) Entre algumas tribos os pais idosos buscavam ser comidos pelos seus filhos; entre outras era costumeiro evitar comer parentes próximos, os seus corpos sendo vendidos ou trocados pelos de estranhos. Havia um comércio considerável de mulheres e crianças que haviam sido engordadas para serem abatidas. Quando a doença ou a guerra deixava de exercer o controle da população, o excesso era comido sem cerimônias.

89:5.8 (979.7) O canibalismo tem desaparecido gradualmente por causa das seguintes influências:

89:5.9 (979.8) 1. Às vezes, assumir responsabilidade coletiva por infligir-se a pena de morte a um companheiro de tribo tornava-se uma cerimônia comunitária. A culpa pelo sangue derramado deixa de ser um crime quando todos ficam envolvidos nessa culpa, quando

se torna um ato da sociedade. As últimas manifestações de canibalismo na Ásia foram as de comer criminosos executados.

89:5.10 (979.9) 2. Tornou-se muito cedo um ritual religioso, mas o crescimento do medo do fantasma nem sempre funcionou para reduzir o canibalismo.

89:5.11 (979.10) 3. Finalmente progrediu a um ponto em que apenas certas partes ou órgãos do corpo eram comidos; e tais partes, supostamente, continham a alma ou porções do espírito. Beber o sangue tornou-se comum; e era costumeiro misturar as partes “comestíveis” do corpo aos remédios.

89:5.12 (980.1) 4. Tornou-se circunscrito aos homens; as mulheres eram proibidas de comer a carne humana.

89:5.13 (980.2) 5. Em seguida ficou circunscrito aos chefes, sacerdotes e xamãs.

89:5.14 (980.3) 6. Então, tornou-se um tabu entre as tribos superiores. O tabu do canibalismo originou-se na Dalmácia e gradualmente disseminou-se pelo mundo. Os noditas encorajavam a cremação como um meio de combater o canibalismo, já que então era uma prática comum desenterrar os corpos e comê-los.

89:5.15 (980.4) 7. O sacrifício humano fez soar o dobrado de morte do canibalismo. A carne humana, havendo-se tornado comida para os homens superiores, os chefes, ficou finalmente reservada aos

espíritos ainda mais superiores; e assim a oferta de sacrifícios humanos efetivamente pôs um fim ao canibalismo, exceto entre as tribos inferiores. Quando o sacrifício humano ficou plenamente estabelecido, o canibalismo tornou-se um tabu; a carne humana era alimento apenas para os deuses; o homem podia comer apenas uma pequena porção cerimonial, como um sacramento.

89:5.16 (980.5) Finalmente generalizou-se o uso de substitutos animais nos sacrifícios e, mesmo nas tribos mais atrasadas, comiam-se cães, o que reduziu grandemente o canibalismo. O cão, o primeiro animal domesticado, era tido em grande estima, tanto como amigo, quanto como comida.

6. A Evolução do Sacrifício Humano

89:6.1 (980.6) O sacrifício humano foi um resultado indireto do canibalismo, bem como a sua cura. O fato de prover companhia espiritual para ir ao mundo do espírito levou também à diminuição do canibalismo, pois nunca foi costume comer os corpos dos sacrifícios de morte. Nenhuma raça esteve totalmente livre da prática do sacrifício humano de alguma forma e em algum momento, embora os andonitas, noditas e adamitas tivessem sido os menos viciados no canibalismo.

89:6.2 (980.7) O sacrifício humano tem sido virtualmente universal; ele perdurou nos costumes religiosos dos chineses, hindus, egípcios,

hebreus, mesopotâmios, gregos, romanos e muitos outros povos e mesmo até tempos recentes, entre as tribos africanas e australianas atrasadas. Os índios americanos mais recentes tiveram uma civilização que emergiu do canibalismo, sendo, portanto, repleta de sacrifícios humanos, especialmente na América Central e América do Sul. Os caldeus estavam entre os primeiros a abandonar o sacrifício humano nas ocasiões comuns, substituindo-o pelo sacrifício de animais. Cerca de dois mil anos atrás um imperador japonês de bom coração introduziu imagens de argila para ocupar o lugar dos humanos sacrificados, mas foi há menos de mil anos que esses sacrifícios terminaram no norte da Europa. Entre algumas tribos retrógradas, o sacrifício humano é ainda efetuado por voluntários, em uma espécie de suicídio ritual religioso. Um xamã certa vez ordenou o sacrifício de um velho homem muito respeitado de uma certa tribo. O povo revoltou-se; e todos recusaram-se a obedecê-lo. Então o velho homem fez com que o seu próprio filho o matasse; os antigos realmente acreditavam nesse costume.

89:6.3 (980.8) Não existe registro de uma experiência mais trágica e patética, e que ilustra as dolorosas contendas entre os costumes religiosos antigos e honrados e as exigências contrárias da civilização em avanço, do que a narrativa hebraica de Jefté e sua única filha. Como era um costume comum, esse homem bem-intencionado fez um voto tolo, tendo barganhado com o “deus das batalhas”, concordando em pagar um certo preço pela vitória sobre os seus inimigos. E esse preço era sacrificar a primeira pessoa que saísse da sua casa para encontrá-lo quando voltasse ao seu lar. Jefté pensou

que um dos seus confiáveis escravos estaria à mão para saudá-lo, mas aconteceu que a sua única filha saiu para dar-lhe as boas-vindas ao lar. E assim, mesmo em uma data recente e em meio a um povo supostamente civilizado, essa bela jovem, depois de dois meses lamentado o seu destino, foi de fato oferecida como um sacrifício humano, pelo seu pai, e com a aprovação dos seus companheiros de tribo. E tudo isso foi feito enfrentando as rigorosas ordens de Moisés contra a oferta de sacrifício humano. Homens e mulheres, todavia, obstinam-se no vício de fazer votos tolos e desnecessários; e os homens de outrora tinham essas promessas como altamente sagradas.

89:6.4 (981.1) Nos tempos antigos, quando a construção de um novo prédio de alguma importância era iniciada, era costume matar um ser humano como um “sacrifício à fundação”. Isso provia para que um espírito fantasma vigiasse e protegesse a estrutura. Quando os chineses se preparavam para fundir um sino, o costume decretava o sacrifício de uma jovem, ao menos, com o propósito de melhorar o tom do sino; a moça escolhida era jogada viva no metal derretido.

89:6.5 (981.2) Muitos grupos há muito mantinham a prática de incorporar escravos vivos a paredes importantes. Em tempos mais recentes as tribos do norte da Europa passaram a usar a sombra de alguém que passava, nesse costume de incorporar pessoas vivas nas paredes de novos prédios. Os chineses enterravam em uma parede aqueles trabalhadores que morriam enquanto a construíam.

89:6.6 (981.3) Ao construir as paredes de Jericó, um pequeno rei da Palestina “lançou a fundação sobre Abiram, o seu primogênito, e fez

os portões sobre o seu filho mais jovem, Segub”. Naquela data recente, não apenas esse pai pôs dois dos seus filhos vivos nos buracos da fundação dos portões da cidade, mas esse ato é também registrado como estando “de acordo com a palavra do Senhor”. Moisés havia proibido tais sacrifícios nas fundações; os israelitas, contudo, voltaram a eles pouco depois da sua morte. A cerimônia do século vinte, de depositar berloques e presentes na pedra fundamental de um novo edifício, é uma reminiscência dos sacrifícios primitivos das fundações.

89:6.7 (981.4) Durante um longo tempo foi costume de muitos povos dedicar os primeiros frutos aos espíritos. E essas observâncias, atualmente mais ou menos simbólicas, são todas reminiscências das cerimônias primitivas que envolviam o sacrifício humano. A idéia de oferecer o primogênito em sacrifício era bem difundida entre os antigos, especialmente entre os fenícios, que foram os últimos a abandoná-la. Usava-se dizer durante o sacrifício, “a vida pela vida”. E, agora, vós dizeis quando da morte, “do pó ao pó”.

89:6.8 (981.5) O espetáculo de Abraão coagido a sacrificar o seu filho Isaac, ainda que chocante para as suscetibilidades civilizadas, não era uma idéia nova nem estranha para os homens daqueles tempos. Havia sido prática comum que os pais, em tempos de grandes pressões emocionais, sacrificassem os seus filhos primogênitos. Muitos povos têm uma tradição análoga à dessa história, pois certa vez existiu uma crença mundial profunda de que era necessário ofertar um sacrifício humano quando qualquer coisa extraordinária ou inusitada acontecia.

7. As Modificações do Sacrifício Humano

89:7.1 (981.6) Moisés tentou dar um fim aos sacrifícios humanos inaugurando como substituto o sistema de resgate. Ele estabeleceu um programa sistemático que permitia ao seu povo escapar dos piores resultados dos seus votos imprudentes e tolos. Terras, propriedades e filhos podiam ser redimidos segundo as espórtulas estabelecidas, pagáveis aos sacerdotes. Os grupos que deixaram de sacrificar os seus primogênitos logo estavam em grandes vantagens sobre os vizinhos menos avançados, que continuavam com esses atos de atrocidade. Muitas dessas tribos atrasadas foram não apenas grandemente enfraquecidas pela perda de filhos, como também a sucessão da liderança era freqüentemente interrompida.

89:7.2 (982.1) Uma consequência do sacrifício de filhos, que já passava, foi o costume de lambuzar as ombreiras das portas da casa com sangue para proteger os primogênitos. Isto era freqüentemente feito em uma das festas sagradas do ano, e essa cerimônia existiu na maior parte do mundo, do México ao Egito.

89:7.3 (982.2) Mesmo depois que a maioria dos grupos havia cessado a matança ritual de filhos, era costume abandonar um infante na selva ou em um pequeno barco na água. Se a criança sobrevivesse, julgava-se que os deuses haviam intervindo para preservá-la, como nas tradições de Sargon, Moisés, Ciro e Rômulo. Então veio a prática de dedicar os filhos primogênitos, considerando-os sagrados ou sacrificáveis, permitindo-lhes crescer e depois os exilando em vez de

sacrificá-los; essa foi a origem da colonização. Os romanos aderiram a esse costume no seu esquema de colonização.

89:7.4 (982.3) Muitas das ligações excêntricas, de libertinagem sexual combinada à adoração primitiva, tiveram a sua origem no sacrifício humano. Nos tempos de outrora, se uma mulher deparava-se com caçadores de cabeças, ela podia salvar a sua vida rendendo-se sexualmente. Posteriormente, uma donzela, consagrada aos deuses em sacrifício, poderia escolher salvar a sua vida dedicando o seu corpo à vida no serviço do sexo sagrado nos templos; desse modo ela podia ganhar o dinheiro necessário à sua redenção. Os antigos consideravam como sendo altamente elevado ter relações sexuais com uma mulher engajada assim em resgatar a sua vida. A relação com tais donzelas sagradas era uma cerimônia religiosa e, além do que, todo esse ritual proporcionava uma desculpa aceitável para a gratificação sexual comum. Essa era uma espécie sutil de enganar a si próprio, que tanto as donzelas quanto os seus consortes deliciavam-se de praticar entre si. Os costumes estão sempre atrasados em relação aos progressos evolucionários da civilização, e, assim sendo, sancionam as práticas sexuais mais primitivas e selvagens das raças em evolução.

89:7.5 (982.4) A prostituição nos templos finalmente difundiu-se no sul da Europa e na Ásia. O dinheiro ganho pelas prostitutas dos templos era considerado sagrado por todos os povos — uma alta dádiva a ser apresentada aos deuses. Mulheres do mais alto nível enchiam os mercados sexuais dos templos; e, pois, devotavam os seus ganhos a todas as espécies de serviços sagrados e trabalhos de benefício

público. Muitas das melhores classes de mulheres coletavam seus dotes por meio do serviço do sexo temporário nos templos, e a maior parte dos homens preferia ter essas mulheres como esposas.

8. Redenção e Alianças

89:8.1 (982.5) A redenção por meio do sacrifício e a prostituição nos templos, na realidade, foram modificações do sacrifício humano. Em seguida veio o simulacro do sacrifício das filhas. Essa cerimônia consistia em uma sangria, com a dedicação de virgindade vitalícia, e foi uma reação moral à antiga prostituição nos templos. Em tempos mais recentes as virgens dedicavam-se ao serviço de manter os fogos sagrados dos templos.

89:8.2 (982.6) Os homens finalmente conceberam a idéia de que oferecer alguma parte do corpo poderia tomar o lugar do antigo e completo sacrifício humano. A mutilação física era também considerada como uma substituta aceitável. Cabelos, unhas, sangue e até mesmo os dedos de mãos e pés eram sacrificados. O rito posterior, mas também antigo e quase universal, da circuncisão, foi uma consequência do culto do sacrifício parcial; acontecia puramente por sacrifício, nenhum pensamento de higiene era ligado a ele. Os homens eram circuncidados; as mulheres tinham as suas orelhas furadas.

89:8.3 (983.1) Ulteriormente tornou-se costume atar os dedos em vez de cortá-los. Raspar a cabeça, ou cortar o cabelo também foi uma

forma de devoção religiosa. Fazer eunucos, a princípio, foi uma modificação da idéia do sacrifício humano. Furar nariz e lábios ainda é coisa praticada na África, e as tatuagens são uma evolução artística da cicatrização primitiva e crua do corpo.

89:8.4 (983.2) O costume do sacrifício finalmente tornou-se associado, como resultado dos ensinamentos em avanço, à idéia da aliança. Afinal, concebia-se que os deuses estavam entrando em acordos reais com o homem; e isso foi um grande passo na estabilização da religião. A lei ou aliança toma o lugar da sorte, do medo e da superstição.

89:8.5 (983.3) O homem não poderia sequer sonhar em celebrar contratos com a Deidade, antes que o seu conceito de Deus tivesse avançado até o nível em que os controladores do universo fossem considerados confiáveis. E a idéia primitiva que o homem fazia de Deus era tão antropomórfica que ele tornou-se incapaz de conceber uma Deidade confiável até que tivesse, ele próprio, tornado-se relativamente confiável, moral e eticamente.

89:8.6 (983.4) Mas a idéia de celebrar uma aliança com os deuses finalmente passou a existir. *O homem evolucionário finalmente adquiriu uma dignidade moral tal que o fez atrever-se a barganhar com os seus deuses.* E assim o tráfico de oferendas de sacrifícios gradualmente desenvolveu-se, chegando ao jogo da barganha filosófica do homem com Deus. E tudo isso representou um novo recurso para fazer o seguro contra a má sorte ou, antes, uma técnica aperfeiçoada para adquirir a prosperidade de modo mais definido.

Não deveis nutrir a idéia errônea de que os sacrifícios primitivos tivessem sido uma dádiva livre e gratuita aos deuses, uma oferenda espontânea de gratidão ou agradecimento; não, não eram a expressão da verdadeira adoração.

89:8.7 (983.5) As formas primitivas de oração nada mais eram do que barganhas com os espíritos, um jogo de argumentos com os deuses. Era uma espécie de permuta, na qual pleito e persuasão foram substituídos por algo mais tangível e precioso. O comércio em desenvolvimento entre as raças havia inculcado o espírito da troca e desenvolvido a astúcia da permuta; e agora esses aspectos começavam a aparecer nos métodos de cultos realizados pelo homem. E, como alguns homens eram melhores negociantes que outros, desse modo alguns eram considerados melhores rezadores do que outros. A prece de um homem justo era tida em alta estima. Um homem justo era aquele que havia pagado todas as suas contas aos espíritos, que se tinha desincumbido plenamente de toda obrigação ritual para com os deuses.

89:8.8 (983.6) A prece primitiva não era adoração; era uma petição em forma de barganha para conseguir-se saúde, riqueza e vida. E, em muitos aspectos, as preces não têm mudado muito com o passar das idades. Ainda são lidas em livros, recitadas formalmente e escritas para serem colocadas nas rodas ou para serem dependuradas nas árvores, onde o soprar dos ventos irá poupar ao homem o trabalho de gastar o próprio alento.

9. Sacrifícios e Sacramentos

89:9.1 (983.7) O sacrifício humano, ao longo do curso da evolução dos rituais urantianos, tem avançado das manifestações sangrentas do canibalismo até níveis mais elevados e simbólicos. Os rituais primitivos de sacrifícios deram origem às cerimônias posteriores do sacramento. Em épocas mais recentes apenas o sacerdote compartilharia de um pequeno pedaço do sacrifício canibalesco ou de uma gota do sangue humano, e então todos comeriam do animal substituto. Essas idéias primitivas sobre o resgate, redenção e alianças têm evoluído, chegando aos serviços dos sacramentos recentes. E toda essa evolução do cerimonial tem exercido uma influência poderosamente socializadora.

89:9.2 (984.1) Durante o culto da Mãe de Deus, no México e em outros lugares, bolos e vinho foram utilizados finalmente como sacramentos em lugar da carne e do sangue dos antigos sacrifícios humanos. Os hebreus praticaram esse ritual durante muito tempo como parte das suas cerimônias de Páscoa; e foi esse cerimonial que posteriormente deu origem à versão cristã desse tipo de sacramento.

89:9.3 (984.2) As antigas fraternidades sociais eram baseadas no rito de se beber sangue; a fraternidade judaica primitiva era uma questão de sacrifício de sangue. Paulo começou a construir um novo culto cristão no “sangue da aliança eterna”. E, conquanto possa ele haver sobrecarregado desnecessariamente a cristandade com ensinamentos sobre sangue e sacrifício, de uma vez por todas,

colocou um fim às doutrinas da redenção por intermédio de sacrifícios humanos ou animais. As concessões teológicas feitas por Paulo indicam que mesmo a revelação deve submeter-se ao controle gradativo da evolução. Segundo Paulo, Cristo fez o sacrifício último, e totalmente suficiente por si; o Juiz divino está, agora, e para sempre, plenamente satisfeito.

89:9.4 (984.3) E assim, após longas idades, o culto do sacrifício evoluiu até o culto do sacramento. Assim, os sacramentos das religiões modernas são os sucessores legítimos das cerimônias primitivas chocantes de sacrifício humano e dos ainda mais primitivos rituais canibalescos. Muitos ainda contam depender do sangue para a salvação, mas isso se tornou, ao menos, figurativo, simbólico e místico.

10. O Perdão do Pecado

89:10.1 (984.4) O homem da antiguidade apenas alcançou a consciência do favorecimento de Deus por meio do sacrifício. O homem moderno deve desenvolver novas técnicas para alcançar a autoconsciência da salvação. A consciência do pecado perdura na mente dos mortais, mas os padrões dos seus pensamentos sobre a salvação desse pecado entraram em desuso e tornaram-se antiquados. A realidade da necessidade espiritual subsiste, mas o progresso intelectual destruiu os métodos antigos de assegurar paz e consolo á mente e à alma.

89:10.2 (984.5) *O pecado deve ser redefinido como uma deslealdade deliberada para com a Deidade.* E há graus de deslealdade: a lealdade parcial da indecisão; a lealdade dividida do conflito; a lealdade moribunda da indiferença; e a morte da lealdade demonstrada pela devoção a ideais sem Deus.

89:10.3 (984.6) O sentido ou o sentimento de culpa vem da consciência de haver-se violado os costumes; o que não é necessariamente um pecado. Não há pecado verdadeiro quando há a ausência de deslealdade consciente à Deidade.

89:10.4 (984.7) A possibilidade de reconhecimento do sentido de culpa é um sinal de distinção transcendental para a humanidade. Ela não marca o homem como um meio, mas, antes, coloca-o em separado como uma criatura de grandeza potencial e glória sempre-ascendente. Um tal sentido de indignidade é o estímulo inicial que deveria levar rápida e seguramente àquela conquista da fé que translada a mente mortal aos níveis magníficos de nobreza moral, discernimento cósmico e viver espiritual; e assim todos os significados da existência humana mudam do temporal para o eterno, e todos os valores elevam-se do humano para o divino.

89:10.5 (984.8) A confissão do pecado é um repúdio corajoso à deslealdade, mas de nenhum modo mitiga as conseqüências no espaço-tempo de tal deslealdade. Mas a confissão — o reconhecimento sincero da natureza do pecado — é essencial ao crescimento religioso e ao progresso espiritual.

89:10.6 (985.1) O perdão do pecado, da parte da Deidade, é a renovação das relações de lealdade, a qual vem em seguida àquele período em que a consciência humana teve um lapso nas suas relações de fidelidade por consequência da rebelião consciente. O perdão não tem de ser buscado, apenas recebido, como a consciência do restabelecimento das relações de lealdade entre a criatura e o Criador. E todos os filhos leais de Deus são felizes, amantes do serviço e sempre progridem na ascensão ao Paraíso.

89:10.7 (985.2) [Apresentado por um Brilhante Estrela Vespertino de Nébadon.]